

Construção Social do Risco: subsídio à gestão pública de desastres.

Luiz Henrique Alves da Silva¹

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro

1. INTRODUÇÃO

Os eventos catastróficos oriundos de riscos ambientais têm aumentado exponencialmente nos últimos tempos. Segundo Künzli (2000) dos 55 milhões de óbitos ocorridos no mundo por ano, 4,5 milhões, quase 10%, estão associados aos riscos ambientais, como inundações, enxurradas, corridas detriticas, movimentos gravitacionais de massa, entre outros. No Brasil é a dinâmica climática atuante que tem assumido um papel potencializador na geração de risco à sua população.

O desafio instaura-se no momento em que pesquisadores e gestores necessitam identificar medidas para a redução dos riscos de desastres, diminuindo assim perdas materiais e principalmente humanas. Essa equação de processos naturais *versus* ocupação, e o seu resultado, muitas vezes catastrófico, é subsídio fundamental para o direcionamento da gestão pública do espaço, de maneira a planejar o crescimento aliado à redução de risco de desastres.



Figura 1: Deslizamento em Duque de Caxias – RJ, Janeiro de 2016. Fonte: O autor.



Figura 2: Enxurrada em Xerém, Duque de Caxias - RJ, Janeiro de 2013. Fonte: O autor.

Identificar a formação dos espaços de risco como fundamento à pesquisa sobre desastres é perceber como desenvolvem-se e podem ser influenciados pela presença do homem em determinados espaços e como essa influência pode contribuir para uma acentuação da quantidade de eventos catastróficos. A percepção dessa equação relacionando os desastres à formação social dos espaços pode tornar-se fator fundamental para a consolidação das ações de gestão pública para a minimização dos desastres.

2. A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO RISCO

Nas interpretações de Hewitt (1983 *apud* Castro & Zusman, 2009) o desastre parte de uma má adaptação por parte da sociedade aos riscos naturais. Isso, de acordo com o autor, incorpora uma necessidade de estudar as condições estruturais de como esse desastre ocorreu, estruturas essas, basicamente políticas e econômicas. A partir disso é necessário compreender historicamente como esses espaços, que passam por desastres, originaram-se e qual a relação dessa sociedade com esse espaço.

De acordo com pesquisas desenvolvidas pelo grupo do “Disaster Reserarch Unit of University of Bradford” na Inglaterra, “os desastres são resultado de processos econômicos e sociais globais, regionais e locais, que criam condições insustentáveis da existência humana frente aos eventos naturais extremos” (Castro & Zusman, 2009). Podemos assim inferir de que os espaços que convivem com desastres, são social, econômico e politicamente construídos.

Para entendermos a construção social do risco e como esta construção reflete na ocorrência de desastres, precisamos compreender como o espaço é formado, e como esse é definido e reproduzido constantemente pelas práticas sociais. Essa formação a medida que se desenvolve e é reproduzida define o espaço com características específicas, que propiciarão ou não a ocorrência de desastres. Hogan (2010) afirma que a vulnerabilidade é socialmente produzida e espacialmente localizada, elucidando a necessidade de uma análise específica das vulnerabilidades e sua construção social.



Figura 3: Esquemática da reprodução de espaços de risco. Elaboração: o autor.

3. METODOLOGIA

A vulnerabilidade é um conceito chave para o entendimento dos processos sociais de construção do risco. A partir do momento em que definimos o risco como um constructo social, precisamos avaliar os atores responsáveis por essa criação, sua origem e como essas se refletem no espaço e consequentemente na formação do risco. A compreensão dessas variáveis da vulnerabilidade pode influenciar nas diversas ações de planejamento para o enfrentamento dos desastres, seja nas etapas de preparação ou resposta.

A identificação de vulnerabilidades é de extrema relevância para a gestão dos desastres de maneira que subsidia os tomadores de decisão com informações e dados relevantes para a adaptação das ações à realidade da sociedade em questão.

A identificação da construção social do risco, através das suas vulnerabilidades, se dá através do levantamento de diferentes variáveis sociais, como renda, escolaridade, acesso à saneamento básico, entre outros. A partir dessas variáveis é possível identificar espacialmente e estatisticamente (com auxílio de ferramentas computacionais como GIS e modelos matemáticos) áreas mais propensas à intensificação dos riscos devido à vulnerabilidade da população exposta.

No exemplo a seguir, figura 4, Silva(2012) desenvolveu para o município de Petrópolis – RJ um levantamento dos rendimentos totais da população que ocupa a planície de inundação do Rio Piabanha que corta a referida cidade.

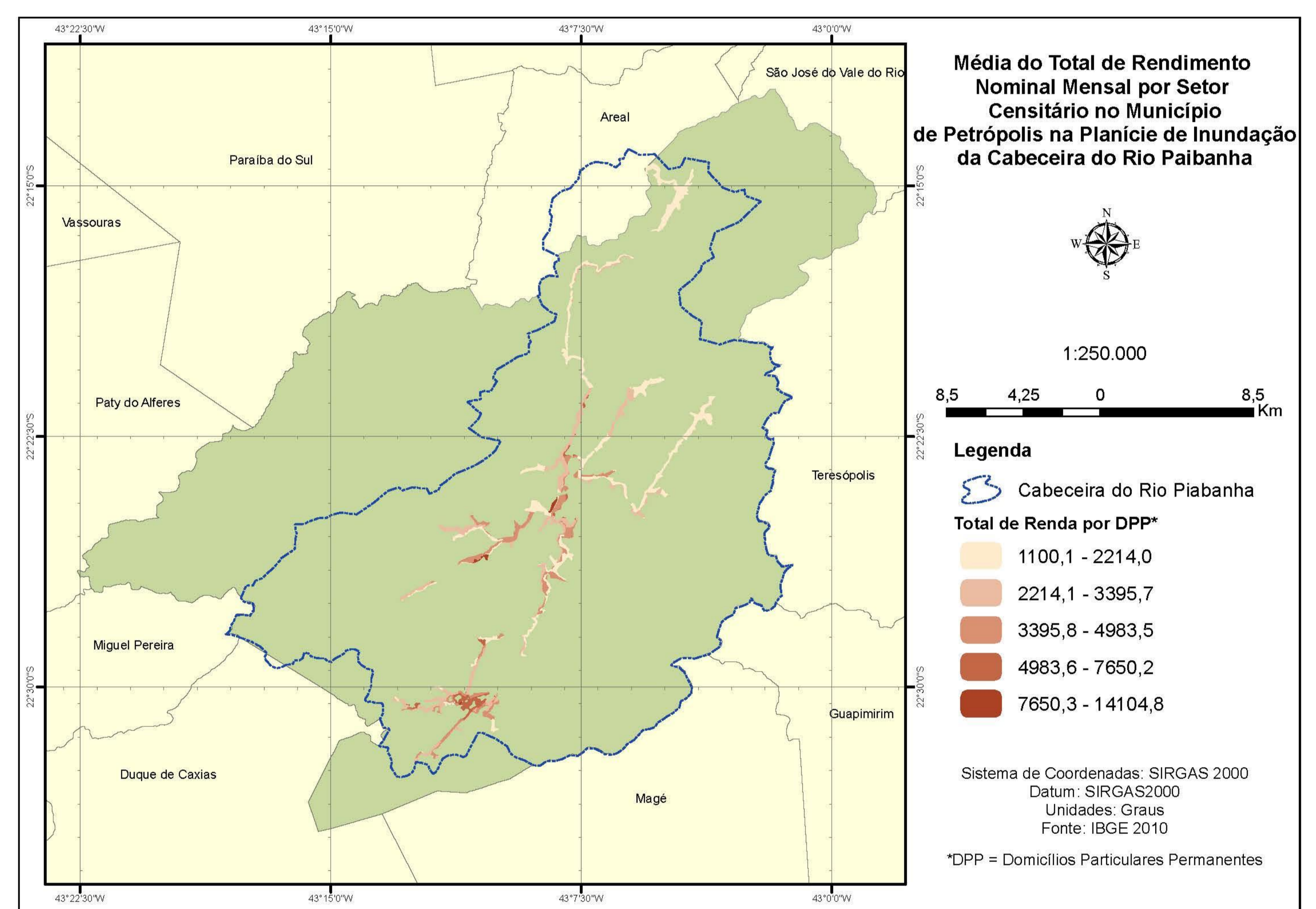


Figura 4: Mapa da Média de Rendimentos Nominal Mensal dos Setores Censitários da Planície de Inundação do Rio Piabanha, Petrópolis - RJ. Elaboração: o autor.

A análise dessa e de outras variáveis como educação, densidade demográfica, acesso à saneamento e tantas outras variáveis pode compor uma análise social que cumprirá papel fundamental de direcionar as ações da gestão pública fazendo com que as ações sejam direcionadas social e espacialmente.

4. Resultados e Conclusões

Através do levantamento bibliográfico efetuado ficou evidente a relação da formação dos espaços de risco com a sociedade que as compõe e a necessidade da compreensão das vulnerabilidades específicas de cada espaço. Compreender a construção social do risco é fundamental para a gestão pública de desastres, na busca de uma adaptação das ações de acordo com as vulnerabilidades específicas de cada parcela do espaço. Tornando assim metodologias ligadas à vulnerabilidade um subsídio fundamental para a gestão pública nas ações de redução de risco de desastres.

5. Referências Bibliográficas

- CASTRO, Hortensia; ZUSMAN, Perla. *Naturaleza y Cultura: ¿dualismo o hibridación? Una exploración por los estudios sobre riesgo y paisaje desde la Geografía*. Investigaciones Geográficas, Boletín del Instituto de Geografía, UNAM. Núm. 70, 2009, pp. 135-153.
- HOGAN, Daniel Joseph; OJIMA, Ricardo; MARANDOLA JR, Eduardo. *População e Ambiente: Desafios à Sustentabilidade*. Série Sustentabilidades, V. 1. São Paulo, 2010. Editora Blucher. 105 p.
- KÜNZLI, N.; et al. – “Public-health impact of outdoor and traffic-related air pollution: a European assessment”. *Lancet*, Londres, v. 356, n.9232, p.795-801, Sep. 2000.

SILVA, Luiz Henrique Alves. *Mapeamento Socioeconômico da Planície de Inundação da Cabeceira do Rio Piabanha - Um estudo de caso da alfabetização em áreas de Risco de Inundação*. 50p. 2012. Monografia (graduação) - Universidade Gama Filho, Curso de Geografia. Rio de Janeiro.